

Política econômica

Considerações sobre a crise econômica mundial e seu impacto na economia brasileira

André Luis Contri*

Economista da FEE, Professor da PUCRS, Mestre em Economia pela UFRGS

A crise econômica norte-americana está comumente associada aos eventos de natureza financeira que se sucederam nos meses de agosto-setembro de 2008 naquele País. Foi nesses meses que se verificou a rápida deterioração dos balanços das principais instituições financeiras e uma brusca queda no índice Dow Jones. Por ser de natureza financeira, num mercado mundialmente integrado, o seu efeito alastrou-se rapidamente para as principais economias do mundo.

Embora a crise financeira de meados de 2008 tenha sido um ponto de inflexão na trajetória da crise econômica mundial, o fato é que esta já vinha se fazendo sentir há bem mais tempo, com a contração do crédito ainda em 2007. Naquele período, a opinião predominante nos meios acadêmico, político e jornalístico era a de que se tratava apenas de alguns ajustes na trajetória de crescimento norte-americana. Os eventos que se sucederam, no entanto, levaram a economia mundial a entrar na maior recessão desde os anos 30. À medida que o tempo passa, tem ficado mais evidente que os eventos de natureza financeira tiveram um rápido impacto sobre os setores produtivos, o que ampliou a dimensão da crise e derrubou a lenda de que se tratava de um mero ajuste.

No presente artigo, busca-se fazer uma análise de alguns indicadores da atividade econômica norte-americana e mundial com o objetivo de mapear a dinâmica da crise. Pretende-se demonstrar que a recuperação econômica irá requerer esforços ainda maiores dos que já foram feitos pelos governos até aqui, principalmente esforços de natureza fiscal. A hipótese subjacente ao presente estudo é a de que a dinâmica da economia mundial é dada pela economia norte-americana e que, conseqüentemente, a saída da crise requer, antes de tudo, a retomada do crescimento econômico naquele País. Pretende-se, ainda, apresentar alguns indicadores do impacto da crise sobre a economia brasileira.

Manifestações e a transmissão da crise

Embora a crise tenha sido explicitada nos meses de agosto-setembro, a desaceleração da economia mundial já vinha ocorrendo bem antes. Tal fato pode ser observado tanto pela desaceleração da produção industrial como pela geração de empregos na economia norte-americana. Conforme pode ser visto pelo Gráfico 1, a produção industrial norte-americana vinha num processo de desaceleração desde 2006. Se, ao longo desse último ano, as produções industriais inglesa, alemã e japonesa vinham numa trajetória ascendente, pode-se verificar que as mesmas não conseguiram se sustentar ao longo do ano seguinte. Assim, no decorrer de 2007, já se podia verificar uma desaceleração conjunta das principais economias do mundo. Nunca é demais ressaltar que essas três economias, em conjunto com a dos Estados Unidos, representam aproximadamente 50% do PIB mundial.

A crise econômica espalhou-se nas demais economias do mundo através de dois mecanismos de transmissão que operaram e continuam operando: as abruptas reduções no crédito e na demanda externa. Esses dois mecanismos operam de maneira distinta nos diferentes países, dependendo da sua maior ou menor inserção no mercado externo. Para alguns, a maior exposição financeira fez do crédito o principal elemento de transmissão da crise, enquanto, para outros, foi sua exposição comercial. Este último é o caso da economia brasileira. A partir do momento em que tais mecanismos afetam o setor produtivo, a crise ganha uma dinâmica particular no interior das diferentes economias. Invariavelmente, ela manifesta-se através da queda na produção industrial, queda no emprego, queda nas vendas, insolvências/inadimplências, maior restrição de crédito, o que, por sua vez, volta a rebater no setor produtivo.

* E-mail: contri@fee.tche.br

O mercado de trabalho na economia norte-americana é outro indicador de extrema importância na análise da crise. Conforme pode ser visto no Gráfico 2, a capacidade de geração de novas vagas na economia norte-americana já vinha sendo afetada desde 2007, sendo que, ao longo de todos os meses de 2008, houve redução do número de empregados. Embora ao longo de 2009 esta redução tenha se desacelerado, não se deve subestimar o impacto do desemprego, tampouco esperar uma recuperação nos próximos meses. A questão atual não se limita a estancar essa queda no crescimento no número de desempregados, mas sim em começar a gerar novos empregos. Até o momento não se tem sinal da reversão dessa tendência. O problema colocado por tais níveis de desemprego não se limita à inadimplência, mas também a redução no consumo das famílias, o qual representa cerca de 70% do PIB norte-americano.

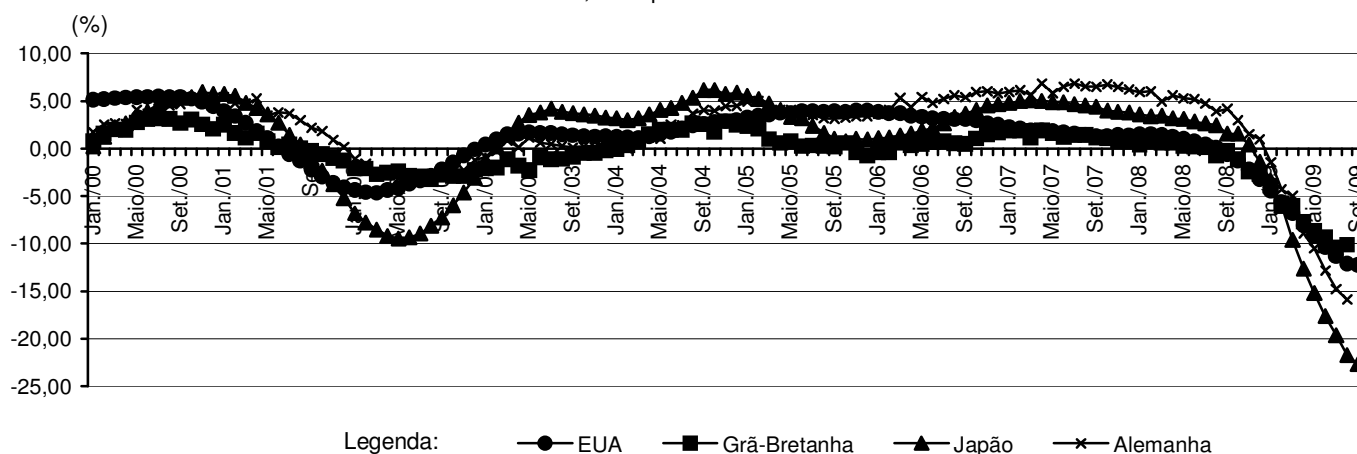
Tal desempenho impacta diretamente o nível de utilização da capacidade instalada da indústria norte-americana, conforme pode ser visto no Gráfico 3. Essa atingiu o seu nível histórico mais baixo desde que a série

iniciou em 1948. E aqui reside um dos principais problemas da atual crise. Com níveis tão baixos de utilização da capacidade instalada, dificilmente serão realizados novos investimentos. Para utilizar os conceitos keynesianos, a este ponto a eficiência marginal do capital certamente está severamente afetada. Não há razões para se esperar que a sua recuperação seja acelerada na forma de V. Assim, os novos projetos de investimentos estarão seriamente comprometidos. Pelo seu efeito multiplicador sobre a renda e o emprego, não se deve esperar uma aceleração no crescimento ao longo dos próximos meses.

Tais fatos parecem evidenciar que a crise econômica atual não tem sua origem na simples desregulamentação do sistema financeiro norte-americano, ou no estouro da bolha imobiliária. A questão central é que, a partir de fins de 2007, o setor produtivo desacelerou. A financeirização era compatível com uma economia em processo de crescimento. No entanto, uma vez que esta última desacelera, a bolha financeira se torna insustentável.

Gráfico 1

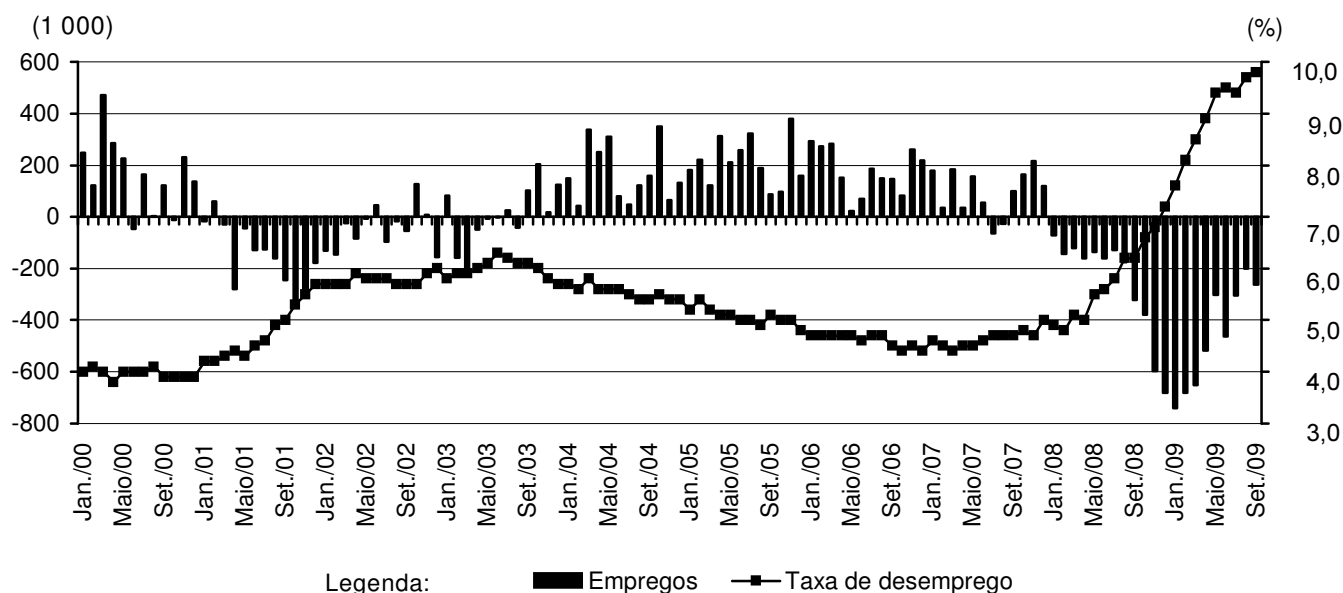
Taxa de crescimento da produção industrial, acumulada em 12 meses, nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, no Japão e na Alemanha — 2000-09



FONTE: ESTADOS UNIDOS. The Federal Reserve. Disponível em: <<http://www.federalreserve.gov/data/download/default.htm>>. JAPÃO. Ministry of Economy, Trade and Industry. Disponível em: <<http://www.meti.go.jp/english/statistics/index.html>>. ALEMANHA. Federal Statistical Office. Disponível em: <<http://www.destatis.de/>>. GRÃ-BRETANHA. Office for National Statistics. Disponível em: <<http://www.statistics.gov.uk/default.asp>>.

Gráfico 2

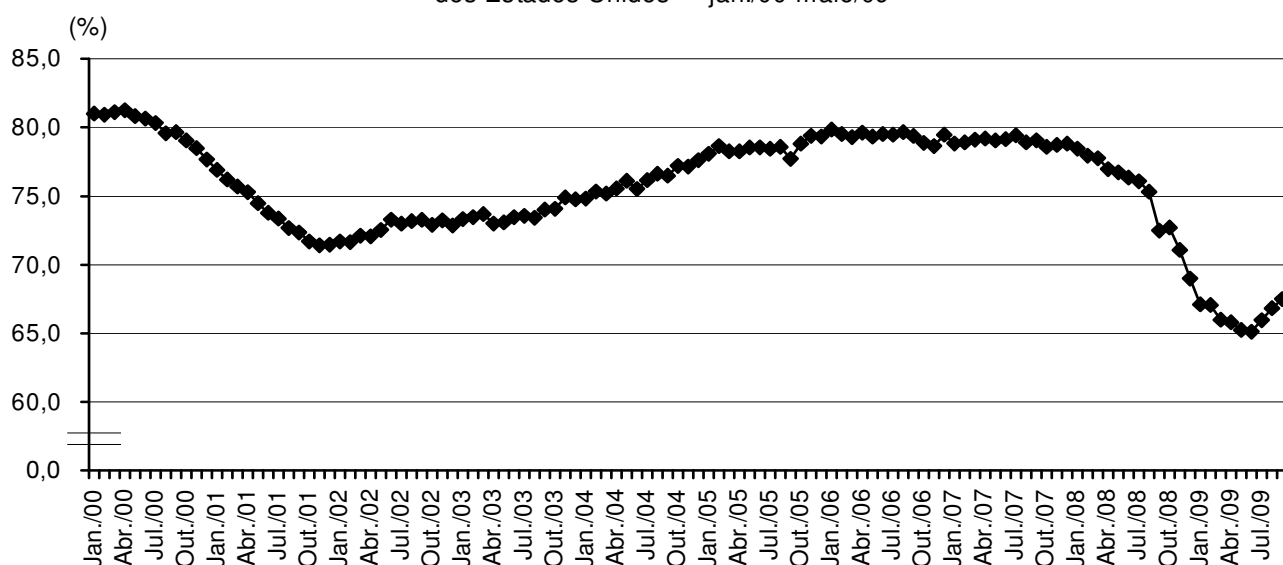
Geração de empregos e taxa de desemprego na economia dos Estados Unidos — jan./04-abr./09



FONTE: ESTADOS UNIDOS. Department of Labor: Bureau of Labor Statistics. Disponível em: <http://www.bls.gov/data/>.

Gráfico 3

Taxa de utilização da capacidade instalada na indústria de transformação dos Estados Unidos — jan./00-maio/09



FONTE: ESTADOS UNIDOS. The Federal Reserve. Disponível em: <http://www.federalreserve.gov/datadownload/default.htm>.

A crise e a economia brasileira

No caso da economia brasileira, a exposição à crise econômica mundial só ficou evidenciada nos últimos dois meses de 2008. Uma análise mais acurada dos dados, no entanto, demonstra que a economia brasileira já vinha sendo impactada pela desaceleração mundial desde os primeiros meses daquele ano.

Conforme pode ser visto no Gráfico 4, ao longo de todo o ano de 2008, as exportações vinham alternando taxas positivas e negativas de crescimento no seu volume, tendo terminado o ano com uma variação negativa de 1,1%, mostrando uma quebra na tendência que vinha se manifestando nos anos anteriores. Essa queda no volume só não atingiu mais fortemente a economia brasileira em virtude do acentuado crescimento no preço dos produtos exportados. O crescimento nos preços foi de tal monta, que compensou até mesmo a valorização do real frente ao dólar que vinha ocorrendo até julho de 2008. De qualquer forma, quando a crise se fez sentir mais fortemente no último trimestre do ano, a forte desvalorização da moeda nacional garantiu a renda do setor exportador. Esse cenário altera-se completamente no corrente ano, quando à relativa estabilidade cambial se associam quedas tanto no volume quanto nos preços dos produtos exportados.

Essa desaceleração nas vendas externas impactou o desempenho da produção e do emprego industrial. Conforme pode ser visto no Gráfico 6, o crescimento da produção física da indústria brasileira ficou estagnada ao longo de 2008, embora num patamar relativamente elevado. Foi somente no último trimestre do ano que ficou evidente que a crise tinha se estabelecido no setor industrial. Ao longo de 2009, no entanto, fica claro que sua trajetória se assemelha ao que vem ocorrendo nas demais economias do mundo.

Essa retração na produção industrial acabou se manifestando no emprego industrial e nas taxas de desemprego agregadas da economia brasileira. O mercado de trabalho, no entanto, responde com alguma defasagem à redução na produção. Por esse motivo, pode-se esperar, para os próximos meses, a continuidade da queda no emprego.

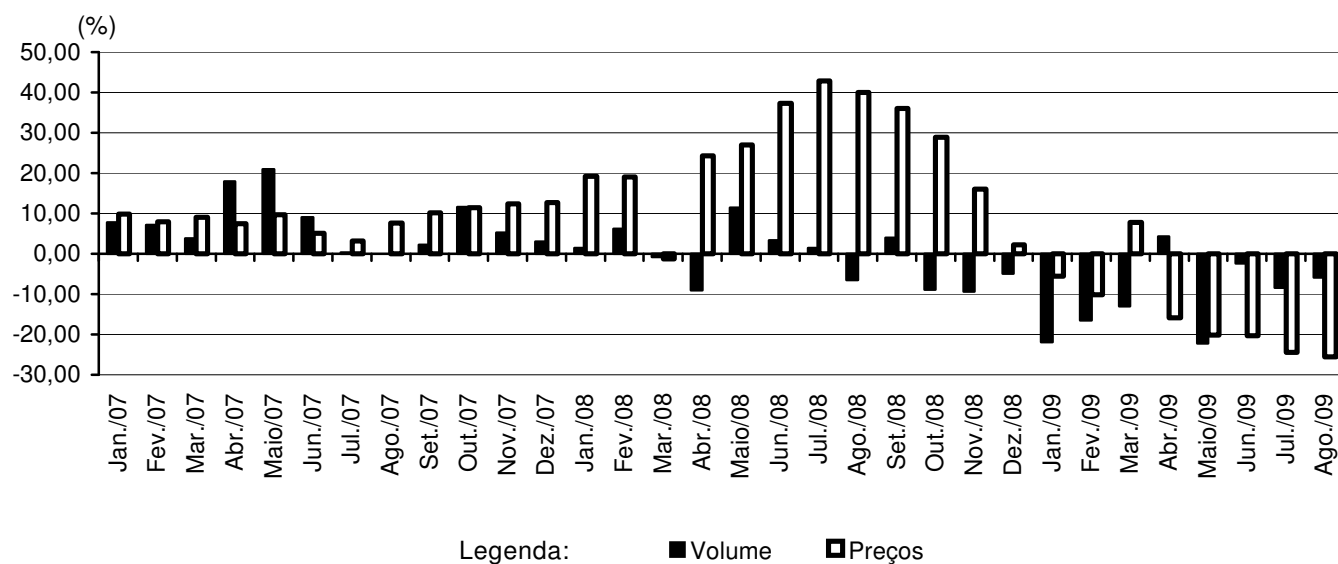
Têm sido comuns manifestações de que a economia brasileira nunca esteve tão preparada para enfrentar uma crise internacional desse tipo e de que as condições macroeconômicas do País permitem ao governo adotar medidas de enfrentamento da crise. De fato, quando se

compara a situação atual com a vigente nos anos 80/90, pode-se verificar que o ambiente macroeconômico não encontra precedente: menor nível histórico da taxa de juros, inflação sob controle, níveis recordes de reservas internacionais, baixa relação dívida pública/PIB, entre outros. Além disso, ao contrário do que ocorre em diversos países, o governo ainda dispõe da política monetária como instrumento de intervenção econômica, além da política fiscal que vem sendo implementada.

Pode-se verificar, no entanto, que esse conjunto de fatores positivos não evitou a queda acentuada da atividade econômica, que colocou novamente o País num ambiente recessivo. A forte desaceleração da economia no último trimestre de 2008 e a queda de 1,8 no PIB no primeiro trimestre de 2009 não podem ser subestimadas, mesmo que tal desempenho seja superior aos verificados nas economias centrais. Há que se reconhecer que a capacidade fiscal do governo de reverter esta queda é bastante reduzida em função das metas estipuladas de superávit fiscal. Além do mais, como tem ficado claro ao longo de 2009, a dinâmica da economia brasileira é altamente dependente do mercado internacional. Tal fato só vem a desmistificar a idéia de que o Brasil será o primeiro país a sair da crise. Num cenário otimista, pode-se esperar uma certa recuperação das maiores economias do mundo em 2010, o que terá, com certeza, repercussões positivas sobre o Brasil. No entanto, não haverá recuperação do crescimento brasileiro sem que ocorra a reversão do quadro internacional.

Gráfico 4

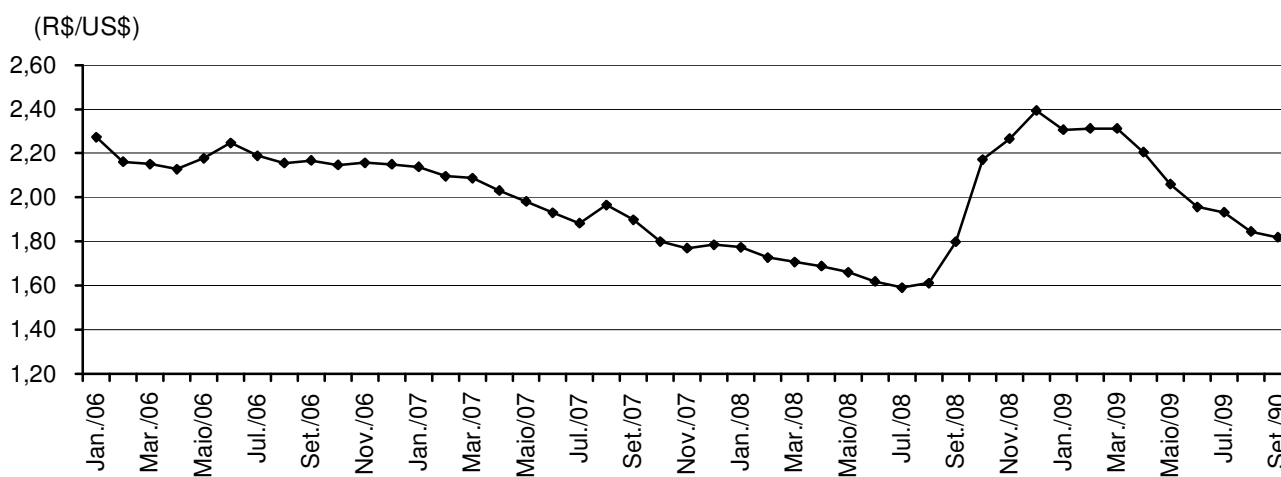
Taxa mensal de variação do volume nos preços das exportações no Brasil — jan./07-maio/09



FONTE: FEE/Núcleo Pesquisa Estatística.

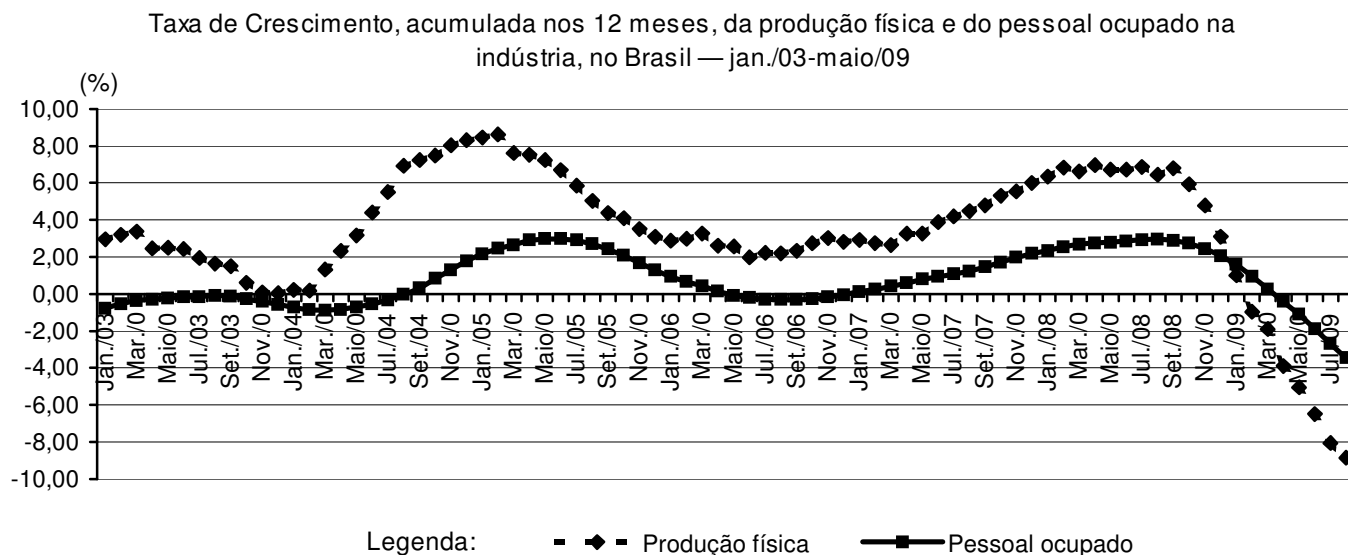
Gráfico 5

Taxa de câmbio no Brasil — 2006-09



FONTE: Banco Central do Brasil.

Gráfico 6



FONTE: IBGE. Pesquisa Industrial Mensal. Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimpfbr/default.shtm>>.

IBGE. Pesquisa Industrial Mensal Empregos e Salários. Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/pimes/default.shtm>>.

Possibilidades de recuperação

Embora a China seja constantemente referenciada como um dos mais fortes motores da economia mundial, o fato é que qualquer saída da atual crise econômica passará necessariamente pela recuperação da atividade econômica nos Estados Unidos. A crise que, inicialmente, tinha um caráter essencialmente financeiro passou a ter uma dimensão maior, atingindo a totalidade da atividade econômica. Assim, conforme se pôde verificar, o setor produtivo foi severamente afetado pela crise de crédito e pela queda na demanda global. A saída da crise não se limita a restaurar a saúde do sistema financeiro através da sua capitalização. Esta é, certamente, uma condição necessária, mas não suficiente. Uma vez completada essa primeira tarefa, far-se-á necessária a recuperação da atividade produtiva que, em última instância, é quem determina o crescimento da renda e a geração de emprego. Como ela se dará, no entanto, não está claro até o presente momento. Parece que uma política fiscal ousada nas maiores economias do mundo se fará necessária. No entanto, até mesmo essa tarefa poderá ficar dificultada em função do acelerado crescimento no

endividamento público que tem se verificado naqueles países. Assim, começa a esboçar-se um certo consenso, entre os economistas do mais variado espectro político, de que a economia mundial, uma vez iniciada a recuperação, passará por alguns anos de baixas taxas de crescimento.

É preciso considerar, ainda, que a crise atual afetou todas as economias do mundo e de maneira profunda. Ou seja, não se trata de uma crise localizada em países “emergentes” ou ainda em uma economia “central”. Tampouco se trata de uma mera desaceleração no crescimento, como muitas vezes ocorreu. O que se tem agora é uma queda acentuada do PIB “mundial”. A sua recuperação, portanto, não se dará através de políticas localizadas, mas irá requerer uma articulação entre os governos das principais economias do mundo.

Finalmente, convém destacar que o presente estudo teve como foco de análise o efeito da crise sobre as atividades produtivas e comerciais, ao invés de explorar suas manifestações e mudanças que a mesma vem sofrendo na esfera financeira. O motivo desse enfoque é o de enfatizar que a solução da crise já não mais se limita a ajustes no setor financeiro e que, até o momento, os mecanismos de sua superação não estão explicitados.